

14º DIA DO JULGAMENTO DO ESCÂNDALO DAS "DÍVIDAS OCULTAS"

Fabião Mabunda diz que não está arrependido e não vê necessidade de devolver dinheiro

- No segundo dia da sua audição, o "testa de ferro" do casal Gregório e Ângela Leão insistiu na sua narrativa de ocultar a relação entre os mais de 387 milhões de meticais que recebeu do grupo Privinvest com o antigo Director-geral do SISE. Disse que ganhou 0.4% do valor e não vê necessidade de devolver esse dinheiro ao povo moçambicano. "Eu recebi dinheiro da Privinvest. Se é do povo moçambicano, isso eu não sei".



Fabião Mabunda

- Hoje, quarta-feira, é dia de “folga” e o julgamento do maior escândalo financeiro da história de Moçambique retoma amanhã com a audição da ré Ângela Leão, esposa de Gregório Leão e a pessoa que esteve em frente na gestão do suborno pago ao antigo Director-geral do SISE pelo grupo Prinvest. Ângela Leão é a única mulher que continua detida no âmbito do processo das “dívidas ocultas”.

Depois de responder a mais de 140 perguntas colocadas pelo Ministério Público na segunda-feira, Fabião Mabunda voltou ontem ao tribunal para ser interrogado pela Ordem dos Advogados de Moçambique (OAM), assistente no processo, e pela defesa. E porque o dia anterior tinha sido longo e penoso – a sessão terminou à meia-noite, ontem o reu era um homem de poucas palavras, não estava para respostas longas nem explicativas. Às perguntas da OAM, respondia nos seguintes termos: “Não vou responder a essa questão”; “Já respondi a essa pergunta ontem”. Quando o advogado Vicente Manjante, da OAM, pedia que repetisse algumas respostas dadas na sessão de segunda-feira, Fabião Mabunda atirava: “A resposta está consignada em acta, doutor”.

O mesmo comportamento demonstrou quando a OAM queria o confrontar com alguns documentos constantes do processo: “Não precisa mostrar, doutor. Hoje não pretendo ver documentos”. E não havia como o obrigar a ler documentos. Mas o juiz Efigénio Baptista chamou-lhe atenção para a necessidade de evitar dar respostas genéricas. “O senhor tem direito de não ler documentos, mas não precisa dizer que hoje não pretendo ver documentos. O senhor deve dar respostas em função das perguntas que são colocadas”, explicou o juiz da causa.

Antes do início das transferências milionárias do grupo Prinvest e da Txopela Investments, a empresa de Fabião Mabunda (M Moçambique Construções Lda) só tinha mil meticais. Mas entre os dias 28 de Agosto de 2013 e 3 de Junho de 2014, a empresa recebeu mais de 387 milhões de meticais do grupo Prinvest. O Ministério Público não tem dúvidas de que o destinatário do dinheiro era o antigo Director-geral do Serviço de Informação e Segurança de Estado (SISE), Gregório Leão, e sua esposa Ângela Leão,

mas Fabião Mabunda investe numa narrativa pouco convincente para negar até factos evidentes. Aliás, o reu insiste que recebia o dinheiro do grupo Prinvest, convertia-o em dólares e devolvia aos donos em numerário.

Alexandre Chivale, advogado de Ndambi Guebuza e Inês Moiane, perguntou ao reu porquê razão não devolvia o dinheiro da Prinvest pela mesma via, já que sabia que o projecto do contrato que assinou com aquele grupo empresarial não seria desenvolvido. Mabunda disse que já tinha respondido à pergunta. E quando perguntado o que ganhava em receber milhões de meticais transferidos pelo grupo Prinvest, levantar, converter em dólares e depois devolver à procedência, respondeu que ganhou 0,4% dos mais de 387 milhões de meticais que passaram pelas contas da M Moçambique Construções Lda.

Fawzy Bachir foi o nome mais citado por Fabião Mabunda durante os dois dias do seu interrogatório. Descreveu-o como sendo gestor de projectos do grupo Prinvest, e a pessoa com quem assinou o subcontrato para construção de infra-estruturas do projecto da zona económica exclusiva, e com quem comunicava. Era Fawzy Bachir que o informava sobre a transferência de dinheiro do grupo Prinvest para a M Moçambique Construções Lda; era com Fawzy Bachir que discutia as formas de justificar a recepção do dinheiro no banco; era Fawzy Bachir que o informava da mudança de planos sobre a aplicação dos valores transferidos para a sua empresa e o instruía a levantar o dinheiro, converte-lo em dólares e entregar-lhe em mão. Depois de ouvir tantas o mesmo nome, o advogado Alexandre Chivale requereu que o tribunal officie ao grupo Prinvest para saber se existe ou não um colaborador de nome de Fawzy Bachir.

Na sua tentativa de afastar qualquer ligação entre o dinheiro que recebia do gru-

po Prinvest e o casal Leão, o reu Fabião Mabunda disse que, na sua capacidade de empreiteiro da família, ficava com muito dinheiro em numerário que recebia da ré Ângela Leão. Disse que ao todo foram mais de 100 milhões de meticais que recebeu para pagar despesas das obras que realizava no interesse do casal Leão, mas também para efectuar pagamentos ordenados pela ré Ângela Leão. A defesa questionou a que título ficava com o dinheiro da ré Ângela Leão e o que ele ganhava. “Eu ficava com o dinheiro porque fazia muitas obras do seu interesse. Meu ganho estava nas obras da senhora Ângela Leão que ia executando”.

À pergunta se tinha alguma relação com Gregório Leão, respondeu que nunca tinha conversado com ele antes da sua detenção na cadeia de Lígamo, na Matola. “Nunca apareceu nos negócios que fiz com Ângela Leão”. Entretanto, consta do processo e ele mesmo confirmou ontem que, através da sua empresa M Moçambique Construções Lda, executou obras de manutenção na Academia de Altos Estudos Estratégicos (AAEE), uma instituição localizada em Maluana, Distrito da Manhiça, Província de Maputo, cuja vocação é formar agentes do SISE. E em 2016, ano em que realizou tais obras de manutenção na academia, o director-geral do SISE era Gregório Leão.

Ontem, a OAM questionou ao reu se estava arrependido por se ter envolvido no projecto de protecção da zona económica exclusiva, que deu origem às “dívidas ocultas”. Fabião Mabunda respondeu o seguinte: “Ilustre advogado, eu recebi dinheiro da Prinvest e devolvi ao Prinvest. O que está a falar de danos ao povo moçambicano não entro. O que eu ganhei foram 0.4% e não vejo necessidade de devolver esse dinheiro ao povo moçambicano. Eu recebi dinheiro da Prinvest. Se é do povo moçambicano, isso eu não sei”.



INFORMAÇÃO EDITORIAL:

Propriedade: CDD – Centro para Democracia e Desenvolvimento
Director: Prof. Adriano Nuvunga
Editor: Emídio Beula
Autor: Emídio Beula
Equipa Técnica: Emídio Beula, Ilídio Nhantumbo, Isabel Macamo, Julião Matsinhe, e Ligia Nkavando.
Layout: CDD

Contacto:
 Rua de Dar-Es-Salaam Nº 279, Bairro da Sommerschild, Cidade de Maputo.
 Telefone: +258 21 085 797

CDD_moz
E-mail: info@cddmoz.org
Website: <http://www.cddmoz.org>

PARCEIRO PROGRAMÁTICO

PARCEIROS DE FINANCIAMENTO

